Padrões de Associação e Identidade

3.1 Urban Re-Identification – 9° CIAM – 1953

HOUSE	STREET	RELATIONSHIP	стам 9	HOUSE	STREET	DISTRICT
		ريد	ASSIMPAOSS	TO SERVICE AND ADDRESS OF THE PARTY OF THE P		
		1	ANNOCATION AND CONTRACTOR		D0000	office and a second
季山			PHYSICAL COMPONENTS			机产

Fig. 16 - Painel Urban Re-Identification preparado pelos Smithson para o 9° Congresso do CIAM em Aix-en-Provence em 1953.

Urban Re-Identification foi um trabalho apresentado no 9° Congresso do CIAM em 1953 na cidade francesa de Aix-en-Provence. A polêmica central deste trabalho envolve uma crítica ao caráter abstrato da matriz racionalista do CIAM, considerado demasiado idealizante para interagir com a particularidade da vida cotidiana. O trabalho mostra fotografias de crianças brincando nas ruas, retratando assim os padrões de associação – a rua como extensão da casa e a formação da identidade e da vida comunitária. O projeto Golden Lane também é mostrado em uma parte da grade.

Em 1953 os Smithsons apresentaram dentro do CIAM fotografias de crianças jogando em Chisenhale Road, no bairro de Bethnal Green, tiradas por seu amigo Nigel Henderson. No livro *Urban Structuring* o casal Smithson reconhece que "algum entendimento do problema de associação humana, que foi necessário para este estudo, foi adquirido durante visitas à casa dos Henderson

em Bethnal Green a partir de 1950." ¹ (Referindo-se ao Projeto Golden Lane de 1952).



Fig. 17 - Bethnal Green 1956 - Foto de Nigel Henderson.

Houve uma razão mais direta para que Judith e Nigel Henderson vivessem em Bethnal Green e isso foi devido ao trabalho antropológico de Judith Henderson: J. Henderson deu um curso com o sociólogo JL Peterson chamado *Descubra seu vizinho*, que visava adaptar os princípios da antropologia para uso geral. Um curso para profissionais, médicos, clérigos, estagiários oficiais, que lhes desse conhecimento sobre a cultura em que eles trabalhavam. E morar em Bethnal Green foi uma condição do trabalho.

¹ SMITHSON, A., SMITHSON, P. Urban Structuring: Studies of Alison and Peter Smithson. Pag. 14.

As fotografías das crianças brincando nas ruas do bairro de Bethnal Green dominaram o painel *Urban Re-Identification* preparado pelos Smithson para o 9° Congresso. As crianças jogando tiveram uma função específica para os Smithsons. A polêmica central de *Urban Re-Identification* é uma crítica a abstração do CIAM, uma crítica as quatro funções (habitação, trabalho, recreação e transporte) que consideravam insuficientes para registrar a particularidade da vida cotidiana.

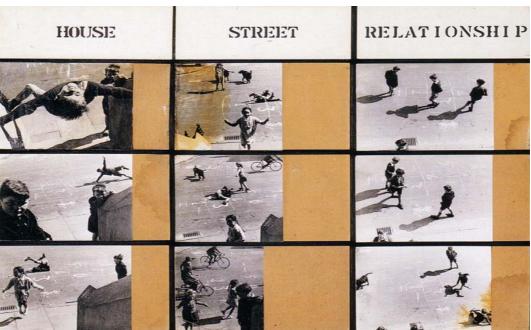


Fig. 18 - Parte do painel de Urban Re-Identification.

Para o pesquisador Highmore o fim do CIAM, de alguma forma, foi anunciado por estas fotografías. Na opinião dele, eles não provocaram o colapso em si, mas apontaram para o aspecto que o CIAM tinha perdido de vista a ambição do modernismo, de assistir a totalidade da vida cotidiana.

Alison e Peter Smithson tentaram proteger esta herança do modernismo. O desafio, uma vez que ele foi descoberto, foi a manutenção de uma ligação com o cotidiano visando ao mesmo tempo o futuro. E Peter Smithson descreveu as fotografías de Nigel Henderson: "a 'vida nas ruas' mostrada por estas fotos é sobrevivente de uma cultura anterior – uma cultura substancial. Mas nós ainda

não descobrimos uma forma equivalente para a forma da rua no presente momento. Todos nós sabemos que a rua tem sido invalidada pelo carro."²

Em *Urban Structuring* os Smithson citam um trecho do livro de Michael Young e Peter Willmott: "O carro e o telefone não representam uma melhora no padrão de vida se comparados com a facilidade de se chegar ao seu local de lazer e congraçamento sem a necessidade de um carro." – Family and Kinship in East London.

Segundo Highmore, no momento em que as fotografías de Henderson foram tiradas em Chisenhale Road, e que Judith Henderson dava lições aos profissionais em Bethnal Green, Michael Young e Peter Willmott estavam fazendo um detalhado trabalho etnográfico na mesma comunidade.

Michael Young e Peter Willmott estavam realizando seus estudos do East End. Em 1954 os dois fundaram o *Instituto de Estudos Comunitários em Bethnal Green*.³ Eles caminharam pelas mesmas ruas, falaram com as mesmas pessoas que os Hendersons. Os resultados foram publicados em 1957 com o título *Família e Parentesco em East London*. Banham afirma que a obra destes dois sociólogos foi fundamental como apoio a teoria urbana do Brutalismo.⁴

Para Highmore:

"Em Família e Parentesco em East London, a "família" constituída de irmãos, irmãs, mães, pais, avós, tios e tias, e assim por diante - em outras palavras 'a' família é uma família alargada da classe trabalhadora. Mas é também todos as "tias" e "tios" com os quais não existem ligações diretas de sangue, mas onde existem acordos de cuidar das crianças reciprocamente, laços sociais e de amizades. Família e Parentesco, como o Urban Re-Identification, e como Jane Jacobs A Morte e Vida de Grandes Cidades, privilegia a localidade, a associação humana imediata, espontânea e formas de sociabilidade. ⁵

² SMITHSON, A., SMITHSON, P. Urban Structuring. Pag. 10

³ http://www.infed.org/thinkers/peter_willmott.htm

⁴ BANHAM, R. op. cit., Pag. 42.

⁵ HIGHMORE, B. op. cit., Pag. 77.

Estas questões como *associação humana, comunidade e identidade* são aprofundadas nas análises dos textos do casal Alison e Peter Smithson.

Dois textos foram publicados sobre o tema *Urban Re-Identification*. O primeiro foi *A Urban Project* em 1953, apresentando Golden Lane como um projeto piloto de aplicação dos princípios de *Urban Re-Identification* e o segundo denominado *Urban Re-Identification* será apresentado no capítulo 6.

3.2

An Urban Project

An Urban Project⁶, publicado em 1953, começa com uma crítica tanto ao planejamento urbano inglês quanto ao conceito da Unité d'Habitation de Le Corbusier. É preciso reparar que a escolha destes exemplos é muito significativa na medida em que o projeto moderno inglês se baseia nos princípios urbanos funcionalistas, e obviamente na Unité – a síntese da Ville Radieuse – não por acaso escolhida – na qual a questão da provisão de um espaço para o desenvolvimento das relações interpessoais, comunitárias e sociais não fora devidamente considerado. O rígido isolamento da comunidade caracterizada principalmente pela dificuldade de comunicação dos agrupamentos humanos foram questões de suma importância nos estudo dos Smithsons.

Este artigo trata da rua, ou da idéia de rua, e a sua estreita relação com a formação da identidade de uma comunidade. A rua como elemento agregador de uma sociedade, gerador de relações humanas e palco das atividades cotidianas. Para tanto, Alison e Peter Smithson se miram nas ruas degradadas e áreas

⁶ SMITHSON, A., SMITHSON, P. An Urban Project. Architect's Yearbook, Volume 5, 1953.

suburbanas, onde eles dizem que a relação vital entre a casa e a rua ainda sobrevivem.

A questão principal discutida pelo casal é que ainda se faz necessário manter estas atividades cotidianas que promovem a identidade da comunidade e relações de associação humana para o novo contexto das cidades altamente densas, com grande fluxo de veículos motorizado e com altos edifícios de apartamentos.

Alison e Peter Smithson apresentam com base numa metodologia antropológica e sociológica, uma síntese dos padrões de contato urbanos: da casa em relação à rua, este em relação ao bairro e por último o bairro em relação à cidade. Decidem que a melhor forma de se estudar o espaço urbano não é mais através das quatro funções da arquitetura funcionalista, mas "em direção a teoria humana baseada na associação de pessoas umas com as outras e com seus trabalhos" – estabelecendo uma nova hierarquia de elementos urbanos.

Para justificarem esta teoria da associação humana, o jovem casal descreve a rua com suas atividades tradicionais e valores comunitários. A vida urbana agitada não permite mais que certas práticas sociais tradicionais continuem existindo nas ruas. Por isso os subúrbios e ruas degradadas, "locais ainda calmos", apresentam estas qualidades inerentes da vida em comunidade.

O exemplo das crianças brincando na rua chega a ser uma visão emblemática da poética da rua ideal. A rua é primeiro contato externo com o mundo fora da família, onde as crianças aprendem as mudanças das estações com a mudança das brincadeiras e aprendem sobre o cotidiano com o ciclo das horas das atividades comerciais — de um dia a um ano, a vivência na rua apresenta a escala do tempo para o pequeno aprendiz, de como a vida cotidiana acontece e se modifica — a rotina estabelecida pela natureza, dia e noite, inverno e verão. A vida na rua como a primeira escola, o primeiro aprendizado fora do núcleo familiar.

É a visão sociológica que pairava 'no ar' naquele momento, na década de 1950 na Inglaterra, o estudo do dia-a-dia, do cotidiano e das relações sociais. E é

isto que os Smithsons agregam na arquitetura e no planejamento urbano. O casal institui o termo *elemento plástico finito* para designar a casa, a rua, o bairro e a cidade estabelecendo uma hierarquia plástica para que possa definir a comunidade como um todo e suas subdivisões.

Assim a casa é estabelecida como o primeiro elemento plástico finito. Tais elementos primários devem possuir características visuais que as aproximem com as demais, características visuais que comuniquem uma identidade, que as identifiquem como um conjunto, como uma comunidade – estabelecendo o segundo elemento plástico finito: a rua.

A rua é o local onde as relações interpessoais se estabelecem, onde o congraçamento entre seus habitantes se sucede proporcionado pela identificação da vizinhança com seu meio ambiente. E o bairro é a expressão da comunidade secundária — o conjunto de ruas, conjunto de comunidades. A cidade é a expressão de uma região econômica.

Os Smithsons admitem que com o aumento populacional a densidade das cidades aumenta dramaticamente. E que a única maneira de manter o contato com a natureza, como o sol, com o espaço verde é construindo edificios de apartamento com muitos andares. A problemática levantada pelo casal em relação aos edificios altos é que eles não permitem uma comunicação entre as famílias e não possuem um espaço para o congraçamento como as ruas estudadas: "as possibilidades de se formar amizades como se fossem uma 'família alargada' é dificultado pela total ausência de comunicação horizontal no mesmo nível, e da ineficácia da comunicação vertical."

A questão fundamental e inquietante é a perda das qualidades inerentes das ruas - rua como uma idéia - na qual a função vital de identificação e congraçamento é possível. A idéia de uma malha de ruas no ar - uma conexão de vias aéreas entre os edifícios capazes de adquirir qualidades da rua tradicional é o que defini o partido do projeto de Golden Lane. Ruas com subsídios que possibilite o encontro e troca entre as pessoas, com atividades econômicas, como lojas e correios. Para isso cada rua aérea "deve ser acessada por um número"

suficiente de pessoas para que ela se torne uma entidade social e esteja ao alcance de um número cada vez maior de pessoas no mesmo nível."

É verdade que na Europa é comum se ver ruas aéreas, conectando centros comerciais ao metrô, ou entre edifícios. No inverno estas ruas são muito utilizadas, por serem fechadas por vidro. A diferença é que tais ruas são simplesmente acessos e não possuem identidade e nem pretendem criar um ambiente de congraçamento ou de associação entre seus usuários.

No caso de Golden Lane os corredores se transformam em largas passagens de maneira que as relações interpessoais podem ser mantidas neste espaço de socialização – como extensão concreta da casa – e como tal se configuram como espaço semi-publico de livre apropriação.

Ao final do texto, advertem a necessidade e a urgência de uma reorientação do pensamento urbano, na teoria e conceitos produzidos pelo CIAM. Afirmam que a preocupação do planejador deve estar direcionada para os padrões de associação humana. E sentenciam: "esta re-identificação deve começar com a renovação da relação entre a casa e a rua."

3.3

Urban Structuring





Fig. 19 - Imagens do livro Urban Structuring – fotos de Nigel Henderson.

Urban structuring⁷ - tradução livre:

Padrões de Associação

Em uma sociedade fortemente entrelaçada como nas ruas Byelaw existe um sentimento arraigado de segurança e ligação social que tem muito a ver com a ordem obvia e simples da rua. Mais ou menos 40 casas ficam de frente a um espaço comum. A rua não é somente um meio de acesso, mas também uma arena para expressão social. Nestas "ruas slum" existe uma relação direta entre a casa e a rua.

Como as pessoas usariam um ambiente "bom"? Quantos dos atos tradicionais de expressão (de alegria, de passar tempo, de fé, de ensinamento) vão provavelmente continuar achando sua expressão?

40 ou 50 casas fazem uma boa rua.

As Ruas com muitos pequenos serviços locais e alguns estabelecimentos maiores nas suas interseções e em seus arredores fazem reconhecidamente um Bairro.

⁷ SMITHSON, A., SMITHSON, P. Urban Structuring: Studies of Alison and Peter Smithson.

Quando os estabelecimentos comerciais e de serviços se tornam maiores que o necessário para apenas o Bairro especificamente, então teremos uma Cidade.

Casa, Rua, Bairro, são "elementos de uma cidade".

Quando primeiro se propôs a construção de um conjunto de habitação em 1952, houve uma quebra destes Elementos das Cidades, usou-se um alto padrão de construção e atendeu-se as necessidade sociais conforme delineados pelos sociólogos oficiais. Mas lá faltava uma qualidade vital muito importante: uma qualidade que era indiscutivelmente necessária para se conseguir conjuntos de habitações ativos e criativos. Esta qualidade que faltava — essencial para o bem estar do homem era a IDENTIDADE.

Era possível reconhecer identidade em conjuntos de habitações antigos (mas também se reconheceu um grau ainda mais alto nas casas geminadas dos bairros residenciais.)

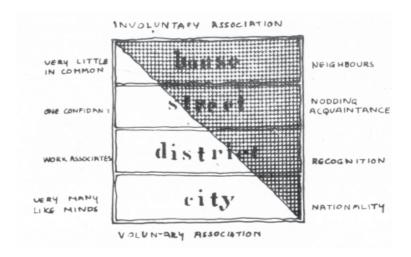
Uma grande parte dos padrões sociais, como observados pelo sociólogo do Byelaw Street, ainda sobrevivem – modificados pelo seu meio ambiente particular – de padrões ainda mais antigos. Não existe um motivo para se perpetuar este modo de viver mas pode ser pior ainda olhar mais para traz, nas suas raízes, para se ter uma visão do desenvolvimento de uma sociedade em particular.

O objetivo do urbanismo é a compreensão. Isto é, claridade de organização. A comunidade é por definição uma coisa inteligível e inteligibilidade deveria portanto ser uma característica das partes. As subdivisões da comunidade devem ser pensadas como unidades perceptíveis. Uma unidade perceptível não é um 'grupo visualmente identificável' ou uma 'vizinhança', mas parte de uma aglomeração humana, que pode ser "sentida". As unidades perceptíveis devem ser diferentes para cada tipo de comunidade. Sua escala, de unidade perceptível, deve aumentar com a escala da comunidade. Uma grande comunidade não pode ser formada de unidades perceptíveis que evoluíram de uma pequena comunidade sob diferentes condições (exemplo: casas em volta de uma praça). Para cada comunidade em particular deve-se definir a sua estrutura e as suas subdivisões.

O arquiteto urbanista não deve ficar cego para o fato de que os padrões de associações humanas podem, em certos países, mostrarem-se como um padrão de dissociação. Associação não significa necessariamente contato.

Associação está presente até mesmo em um farol, através dos meios básicos de comunicação: telegrafo, correspondência, imprensa, radio, TV. Nas vilas e aldeias começam uma segunda linha de comunicação que é de comunicação impessoal — cinema. Através destes canais as forças do mundo exterior podem alcançar a todos.

Tal hierarquia de associação pode ser expressa em um diagrama:



Identidade

Este estudo está relacionado com o problema de identidade em uma sociedade móvel. Ele propõe que a comunidade deve ser construída a partir de uma hierarquia de elementos associados. E tenta expressar os vários níveis de associação — a casa, a rua, o bairro, a cidade. É importante reconhecer que os termos usados, rua, bairro etc. não são para ser tomados como uma realidade mas uma idéia. E esta é a nossa tarefa. Achar novos equivalentes para estas formas de associação para a nossa sociedade não demonstrativa.

A Casa

Deveria haver um programa básico para habitação que considerasse as atividades da família, considerando-as individualmente e em associação umas com as outras.

A Rua

A habitação pensada em termos de associação humana deveria levar em consideração não somente a família, mas também aquelas responsabilidades adicionais que variam em todas as famílias em todos os países - esta atividade adicional dá identidade as habitações e seus habitantes.

A rua tradicional considerada como um meio ambiente ativo está agora sendo modificada por uma mobilidade crescente.

A re-identificação do homem com seu meio ambiente não pode ser alcançada através do uso das formas históricas, na forma de agrupamento de casas: ruas, praças, quarteirões, etc., já que a realidade social que elas representam não existe mais.

O principio de identidade que nós propomos é a base do Projeto Golden Lane – uma cidade de muitos níveis "com ruas residenciais suspensas".

O lado de fora da casa é o primeiro ponto de contato onde as crianças aprendem pela primeira vez sobre o mundo exterior. Lá, são realizadas

aquelas atividades dos adultos que são essenciais ao dia-dia; compras, lavagem de carro, conserto de motocicletas, envio de correspondência.

O Bairro

Do lado de fora da casa fica seu "street-deck". Acessado diretamente da casa, é na verdade sua extensão. Os padrões mutantes do céu e da cidade vistos do chão através dos "jardins-quintais" e das street-decks em si, ampliam a visão do estranho que passa.

As street-decks são entendidas como amplos espaços largos o suficiente para duas mães com carrinhos pararem para conversar e ainda deixar espaços para outro passar. Uma geometria mais complexa do que "uma divisão racional em partes" atende as necessidades de um meio ambiente socialmente ativo e criativo. Na rua as pessoas estão em contato direto com uma quantidade maior de atividades que dão identidade a comunidade.

A Cidade

Mesmo uma pequena cidade precisa ser compacta. Com quarteirões espalhados cada um com certo tipo de função – banco, docas, comércio - e variando em altura e densidade para cobrir as necessidades, o complexo se ergueria pelos campos, com a silhueta desigual e limites definidos como uma cidade de colina italiana ou grega.

"Streets in the air" (ruas suspensas) seriam ligadas umas as outras em um complexo contínuo de múltiplos níveis, conectadas, onde necessário, ao trabalho e aqueles espaços necessários a cada nível de associação, situação. Nossa "hierarquia de associação" é tramada para ser um modulado contínuo que represente a verdadeira complexidade das associações humanas.

Vários bairros associados geram a necessidade de uma escala maior de atividades que por sua vez dão identidade a comunidade final.

Qualquer nova combinação de moradias, e seus acessos imediatos que precise interagir com a cidade, precisaria ter uma conexão com as construções e as redes de rodovias e serviços já existentes. Sua função seria a renovação, dos centros em extinção e das áreas abandonadas, das áreas entre as vias expressas, entre os viadutos e as antigas áreas industriais. A nova construção pode esperar pouca ajuda vinda da sua redondeza em termos de meio ambiente mas pode trazer consigo uma renovação.

O emaranhado de ruas horizontais iria se abrir para circulações verticais de outros edificios numa tentativa de fundir muitos tipos diferentes de edificios de múltiplos níveis já existentes (ex: escritório, lojas de departamentos, ed. garagens), para fazer com que a cidade seja concebida como um aglomerado de pontos onde a população se concentra e não uma pirâmide abstrata de níveis de densidade. Tal idéia oferece "germe de uma cidade convincentemente urbana, valorizada,

em crescimento - não fechada em uma hierarquia de formas únicas, fixas e de um só valor."

"Para conseguir uma fácil movimentação nós propomos uma cidade de múltiplos níveis, com ruas residenciais suspensas".

Padrões de Crescimento

Os estudos de Associação e Identidade conduzem para o desenvolvimento de sistemas de complexos de edificios interligados, que tenderiam a corresponder mais exatamente a cadeia de relações sociais como elas existem agora, do que os espaços definidos, fechados, auto-contidos. Estes sistemas mais livres são mais capazes de mudanças e particularmente, em novas comunidades, de mutações em escalas e intenções com o passar do tempo.

Chegou-se a conclusão que o erro essencial das New Towns inglesas foi que elas foram concebidas muito rigidamente e em 1956 nós lançamos um sistema alternativo em que a infra-estrutura (ruas e serviços) seria a única coisa fixa. O sistema de ruas foi criado para ser o mais simples possível e para dar fácil acesso para todas as partes igualmente.

Princípios de Desenvolvimento da Cidade

Uma cidade é por definição um padrão de associação especifico um padrão único para cada pessoa, em cada localização, em cada tempo. Para alcançar este padrão especifico, ela deve se desenvolver a partir de princípios que dêem ao organismo em evolução consistência e unidade.

Planejamento urbano pode ser definido como método de aplicação daqueles princípios.

A realização da cidade atual deve estar na mão de construtores de prédios, que, compreendendo a intenção geral deve a cada estágio avaliar o que foi que aconteceu antes e através de suas atividades mudarem (se necessário redirecionar) o todo.

Ao se construir uma nova cidade a natureza da 1ª área construída será bastante diferente das áreas subseqüentes. Qualquer planejamento geral deve ser passível de receber mudança nas construções ao longo do processo. O tipo existente de planejamento municipal (Municipal Planning) tenta criar um padrão antes das circunstancias – ele planeja a forma da nova comunidade como um objeto pronto. Isto naturalmente é impossível, já que a forma é gerada em parte como resposta a forma já existente e em parte como resposta ao Zeitgeist do período que não pode ser pré-planejado. Qualquer acréscimo a uma comunidade, toda mudança de circunstância, vai gerar uma nova resposta. Um aspecto desta resposta é a escala – o modo pelo qual a nova parte é organizada plasticamente para ter significado dentro do complexo total. Conforme

o complexo muda, com a adição de novas partes, também a escala das partes deve mudar, de forma que as partes e o todo permaneçam em uma resposta dinâmica um ao outro. A escala tem alguma coisa a ver com tamanho, mas muito mais a ver com o efeito do tamanho.

Nas complexas associações que formam a comunidade, a coesão social só pode ser alcançada se a mobilidade for possível. O pressuposto que uma comunidade pode ser criada por isolamento geográfico é inválido. Os verdadeiros grupos sociais atravessam as barreiras geográficas e o principal suporte para a coesão e a frouxidão do agrupamento e a facilidade de comunicação mais do que o rígido isolamento da comunidade em seções arbitrárias com dificuldade de comunicação.

Urban Structuring: Estudos de Alison e Peter Smithson é um livro escrito pelo próprio casal publicado em 1967. A introdução foi escrita por Theo Crosby e no pequeno prefácio os Smithsons dizem que o livro é um recorte de suas pesquisas. Apresentam seus estudos urbanos em uma divisão de cinco conceitos: Associação, Identidade, Padrões de Crescimento, Cluster e Mobilidade. Estes pontos não só contém seus estudos como também, segundo eles, são as palavras chaves de uma nova concepção.

Esta dissertação abordará os quatro primeiros conceitos, já que o conceito de *mobilidade* abrange outras preocupações que não interessam nesta discussão. O livro apresenta os temas de *Associação, Identidade e Padrões de Crescimento* (o conceito de *Cluster* será discutido no capítulo 5). O primeiro capítulo intitulado *Padrões de Associação e Identidade: Bethnal Green 1951-52* se resume a 9 fotos de crianças brincando nas ruas - as mesmas fotos de Nigel Henderson utilizadas no painel de *Urban Re-Identification*, no 9º Congresso do CIAM – com uma pequena legenda:

"A 'vida nas ruas' mostrada por estas fotos é sobrevivente de uma cultura anterior — uma cultura substancial. Mas nós ainda não descobrimos uma forma equivalente para a forma da rua no presente momento. Todos nós sabemos que a rua tem sido invalidada pelo carro, por padrões de vida mais elevados e por mudanças de valores. Tentar reviver é historicismo. Ao se observar a organização natural dos jogos

das crianças nós vemos um padrão válido e nisto está uma indicação para um tipo de organização mais livre. "8

É incrível como estas fotos realmente transmitem a idéia da 'vida nas ruas' e ajudam a compreender o discurso sobre as relações que se formam pelo contato urbano – uma verdadeira comunidade, uma "família alargada".

Os Smithsons argumentam que estes padrões de associação acontecem porque a rua é um espaço comum a varias casas e não somente um acesso, mas uma área de expressão. A questão da densidade também é considerada importante. Uma rua com 40 ou 50 casas fazem uma boa rua porque o trânsito de pessoas, o comércio da esquina e as atividades diárias - como a lavagem do carro, compras para o dia-a-dia, conserto de motocicletas - permitem a formação de uma comunidade, onde todos se conhecem e existe uma interação social.

Novamente o jovem casal de arquitetos apresenta as qualidades sociológicas e antropológicas que sobrevivem nas ruas degradadas da cidade de Londres – ligação social, sentimento de segurança, arena de expressão social, família alargada que se estabelece entre a vizinhança.

Todos estes atributos das ruas de Byelaw geram *identidade e associações humanas*, elementos que, segundo os autores podem ser criados através de uma perspectiva física e plástica das casas e edificações, contanto que o planejador esteja atento a estas questões subjetivas, que dão bem estar espiritual e qualidade de vida ao ser humano. Sem o planejamento de um espaço, de um ambiente que possibilite o contato e interação entre as famílias o isolamento destas é inevitável.

O estudo sobre identidade, por sua vez, está relacionado a uma sociedade móvel na qual para se construir uma identidade particular deve-se primeiro estabelecer uma hierarquia de elementos associados e não uma divisão funcional da cidade.

⁸ SMITHSON, A., SMITHSON, P. Urban Structuring: Studies of Alison and Peter Smithson. Pag. 10.

As atividades que acontecem na rua são as que estabelecem a identidade da comunidade. A quebra desta acaba por eliminar qualquer possibilidade de uma ligação social e comunitária.

Conforme os Smithsons "o objetivo do urbanismo é a compreensão. Isto é, claridade de organização". Obviamente, esta organização não começa com a divisão da cidade nas 4 funções e sim pela consideração primeira dos padrões de associação – hierarquia de elementos associados, nova divisão: casa, rua, bairro e cidade. Trata-se de um princípio de natureza mais subjetivo se comparado com o raciocínio analítico da cidade estabelecida pela Carta de Atenas. Para os Smithsons o urbanista deve entender e capturar as características que formam a identidade de uma aglomeração humana e prover uma estrutura particular para que a interação entre as pessoas seja possível.

A comunidade é por definição uma coisa inteligível, mas isso não significa que ela seja visualmente identificável. As subdivisões da comunidade devem ser pensadas como *unidades perceptíveis* – parte de uma aglomeração humana que pode ser "sentida". Segundo os Smithsons, essas unidades perceptíveis devem ser diferentes para cada grupo, para cada tipo de comunidade.

Para se obter o padrão de associação humana necessária para que se constitua uma comunidade, vários aspectos sociológicos devem ser analisados – como a questão da unidade perceptível, que não precisa ser vista, mas sentida.

O olhar amplo e totalizante que vê a cidade do alto cede lugar à visão do pormenor, o olhar pontual da escala da rua e suas relações com as casas. Somente desta forma, alterando a escala do macro para o micro, o urbanista poderá sentir e compreender o que deve ser feito na estrutura urbana, para criar a forma das subdivisões de uma comunidade.

O casal Smithson continua a temática de padrões de associação esclarecendo que em determinadas situações o que provoca associação pode em outros lugares se mostrar um elemento de dissociação. De fato, associação nem sempre significa contato entre pessoas. Este aspecto é exemplificado através da

televisão, de outros meios de comunicação e do cinema. Comunidades que se formam por possuírem os mesmos interesses, mas onde o contato e o convívio – as relações interpessoais não existem.

A questão da identidade é aqui aprofundada por se tratar de uma comunidade móvel, isto é, quando a identidade ultrapassa as relações estabelecidas na rua e envolvem o bairro e a cidade.

As metrópoles modernas geram associações e padrões de identidade ininterruptos, uma vez que as pessoas encontram-se em constante movimento. Mais uma vez a questão da comunidade é expressa por uma hierarquia de elementos associados: rua, bairro e cidade. Mas estes elementos devem ser entendidos não como uma realidade física, mas como uma idéia. A tarefa é encontrar novos equivalentes para estas formas de associação já que se trata de uma sociedade não demonstrativa, em grande movimento.

A casa deve possuir um programa direcionado de modo que possibilite a interação de seus moradores com seus vizinhos.

A rua deve ser pensada como um ambiente para a família e suas atividades cotidianas como um todo, um espaço que permita desenvolver atividades para as crianças, para os adultos e para os idosos. Pequenos comércios e áreas de lazer constituídos como pontos de congraçamento entre seus habitantes.

Os Smithsons falam da necessidade de re-identificação do homem com seu meio-ambiente - dado que estão cientes de que as formas tradicionais de interação social não mais satisfazem. A atenção dos autores está claramente endereçada ao homem da modernidade, com um homem ativo em uma sociedade que não se identifica mais com os padrões de convivência artesanais, típico das ruas, praças e quarteirões das cidades antigas.

Na questão dos bairros o casal acredita que lidando com uma sociedade móvel e ativa deva-se criar uma geometria de circulação e acessos mais complexos e com mais atividades para que o ambiente reflita a nova situação. Só desta forma os padrões de associação e identidade poderão se formar.

A cidade deve ser compacta. Uma nova cidade com malhas de ruas no ar, de múltiplos níveis representando a complexidade da sociedade. As ruas aéreas conectando trabalho, escritórios, apartamentos, lojas, edificios garagens de modo livre e necessário. Um emaranhado de ruas horizontais se espalhando pela cidade onde a circulação vertical – dos edificios – possibilite a troca para outros níveis de ruas ou seu destino final.

Este circuito de ruas no ar se assemelha a malha subterrânea do metrô londrino, onde existem vários níveis, andares, de linhas de trem. Em cada nível, uma rota diferente. A diferença no caso da cidade com malhas aéreas é que ao longo do percurso do pedestre várias atividade e comércios, como lojas e bares, úteis a vida cotidiana, dão identidade a estas ruas. As ruas aéreas não são tratadas apenas como conexões como as linhas do metrô, mas sim como um prolongamento da casa no qual as pessoas criam vínculos e identidade com estes espaços, como nas ruas tradicionais.

Estas malhas mantêm o contato direto do homem com o exterior além de prover as conexões necessárias para uma sociedade móvel. Assim os edifícios de muitos andares não perdem os padrões de associação e de identidade devido a sua verticalidade, falta de comunicação e isolamento. Estarão interagindo com outras ruas, com bairros formando estes novos padrões de associação e identidade desta nova sociedade mais complexa.

O Padrão de Crescimento já é um estudo mais avançado da questão destes edifícios interligados e das cadeias de relações sociais como uma resposta a sociedade móvel e complexa. Este conceito está muito ligado ao projeto do casal Smithson para a Universidade de Sheffield, que será apresentado neste capítulo.

Esta proposta de ligação dos edifícios por ruas no ar formam sistemas livres e flexíveis com a capacidade de se adaptar com o passar do tempo. Este é um dos princípios utilizados em Sheffield, que está relacionado à "estética da mudança"

e a "estética do perecível". Em Sheffield os dois principais conceitos são a mobilidade e a capacidade da nova edificação se adaptar as novas necessidades.

Os Princípios de Desenvolvimento das Cidades sugerem que cada qual tem por definição seu padrão de associação, um padrão único para cada indivíduo, para um local em um determinado tempo. Este padrão de princípio só é alcançado em um organismo flexível que está sempre em evolução.

O construtor e o urbanista devem entender que qualquer planejamento urbano deve ser passível de mudanças observadas em cada estágio das atividades e se for necessário, redirecionar todo o processo. A questão específica aqui é que a cada nova intervenção na cidade, a natureza da primeira área construída será bastante diferente das áreas subseqüentes. O ponto em discussão é que o Planejamento Municipal Inglês cria um padrão urbano e o aplica sem avaliar as circunstancias e a comunidade já estabelecida. Não tentam integrar a forma já existente com a nova. Para os Smithsons a nova forma é gerada em parte como resposta da forma existente.

O projeto para Universidade de Sheffield apresenta e demonstra estas questões. Como eram edifícios anexos – a proposta do casal foi de projetá-los de maneira que as edifícações existentes se comunicassem com os novos edifícios através de um sistema de circulação – ruas no ar – mantendo os padrões de associação e fortalecendo a identidade da comunidade universitária. A mobilidade é alcançada neste projeto.

Os Smithsons concluíram que o erro essencial das New Towns foi seu rígido planejamento urbano. Em 1956 eles conceberam um sistema alternativo no qual somente as ruas e serviços são os elementos fixos. O sistema de ruas é o mais simples possível para facilitar o acesso a todas as partes igualmente.

O conceito de Padrões de Crescimento levou o casal a desenvolver outro estudo, o conceito de Cluster – que foi apresentado no CIAM 10 juntamente com outros arquitetos do *Team 10*. Este novo conceito será apresentado no capítulo 5.

3.4

Golden Lane

O projeto de Golden Lane foi realizado em 1952 para participar de um concurso para habitação, tendo sido rejeitado. A edificação se localizaria em uma área no centro de Londres conhecida como Bunhill Fields e fazia parte do projeto para o *Desenvolvimento Global de Londres* do LCC. O bairro havia sido quase que completamente arrasado pelos bombardeios e estava sob escombros. O projeto Golden Lane foi desenvolvido como um modelo urbano de alojamento, e apresentado no 9º Congresso do CIAM em Aix—en-Provence em 1953, onde as palavras *associação* e *identidade* foram introduzidas no pensamento arquitetônico. 9

A principal preocupação de Alison e Peter Smithson era conseguir promover através da arquitetura, meios que facilitassem e até mesmo incentivassem a evolução de padrões comunitários tais quais acontecem em sociedades que se formam espontaneamente.

A rua cercada por casas residenciais, pequenos comércios e serviços era o local tradicional onde se desenvolvia toda uma atividade social para crianças e adultos. Porém, os tipos de relação entre rua e casa existente já não podiam produzir um ambiente aceitável física e socialmente porque as formas da rua haviam chegado a ser antiquadas com a crescente intensificação do tráfico motorizado. Por isto foi introduzido o conceito de cidade de múltiplos níveis, com "streets—in—the-air" ou "street deck", para o Projeto Golden Lane. Neste projeto, a rota residencial deveria ser algo mais que um simples vínculo entre os lares, pois deveria ser um lugar de reunião e uma zona de confluência nas esquinas das streets decks.

⁹ SMITHSON, A., SMITHSON, P. Urban Structuring: Studies of Alison and Peter Smithson. Pag. 14.

O princípio de identificação do homem com seu ambiente foi o ponto inicial do projeto Golden Lane. Os níveis de associação foram descritos como a casa em relação a rua – em relação com o bairro – em relação com a cidade.

Alison e Peter Smithson propuseram uma edificação de alta densidade demográfica. A área total do local, incluindo porções de ruas circundantes era de 4,7 hectares. A densidade populacional aprovada para o local era de 200 pessoas por acre¹¹. A população prevista seria de 1,1 pessoas por cômodos habitáveis, e a proposta era que se construíssem habitações de vários tipos. "Dentro deste quadro, e com estrito respeito à economia tentamos provar que viver em andares altos não significa necessariamente viver em padrões mais baixos e que é possível se viver nas cidades de formas infinitamente mais rica e mais satisfatória, aqui e agora." ¹²

¹⁰ SMITHSON, A., SMITHSON, P. An Urban Project. Architect's Yearbook, 1953.

¹¹ Uma grande diferença de densidade para as New Towns que foram projetadas para uma densidade de 30 pessoas por acre – como já foi visto no capítulo 1.

¹² SMITHSON, A., SMITHSON, P. An Urban Project. Architect's Yearbook, 1953.

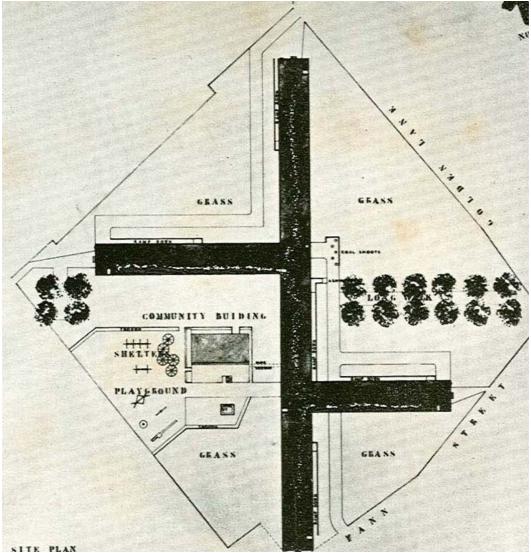


Fig. 20 - Planta de situação de Golden Lane.

A idéia era abandonar o conceito tradicional de apartamento que se abria para um corredor escuro onde as pessoas se sentiriam como que morando em um arquivo. No Golden Lane a entrada do apartamento seria através de corredores largos, como se fossem ruas cobertas, corredores estes voltados para o espaço aberto. Todas as casas teriam suas entradas no nível da rua-deck e sua principal acomodação seria um nível acima ou um nível abaixo. A unidade básica padrão, a que eles chamavam de unidades dos pais, seria igual em todas as casas o que iria variar seria o número de quartos no nível da rua-deck onde se acomodariam as crianças.

Banham acredita que o Projeto Golden Lane segue subordinado a manifesta influência de Le Corbusier e da sua Unité d'Habitation. Para Banham a evidência está na semelhança da estrutura da cobertura de Golden Lane com a edificação de Marseilles, mas principalmente na intenção de corrigir a "rua-corredor" escura, sem iluminação natural da Unité. Ele aponta a diferença entre a "rua-corredor" da Unité com a "rua-corredor" dos Smithsons. Estes mudaram o corredor para uma área externa do bloco – com 4 metros de largura – dando o nome de "street deck". ¹³

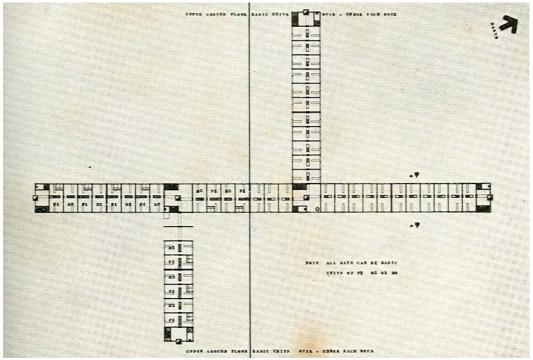


Fig. 21 - Planta do nível abaixo ou acima da street deck – unidade básica dos pais.

13 BANHAM, R. The New Brutalism: Ethic or Aesthetic? Pag. 42.

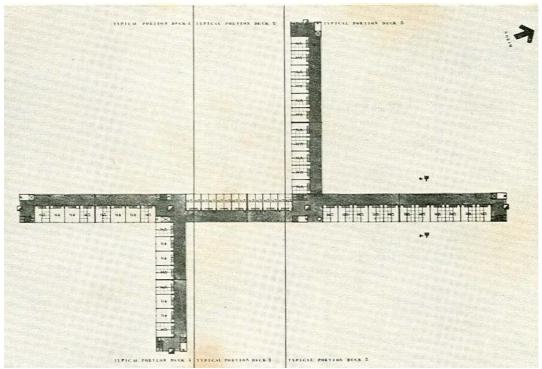


Fig. 22 - Planta do nível da street deck.

Kenneth Frampton também considera que Golden Lane deve muito ao desenho da rua no ar, da Unité de Le Corbusier, mas acrescenta a influência do projeto do de Michiel Brinckman - Spangen Housing – construído em Rotterdam no ano de 1920. Le bem provável que em 1952, Peter Smithson tenha tomado conhecimento do projeto já que em agosto de 1954 ele publicou um artigo sobre a arquitetura e arquitetos holandeses – principalmente os que iniciaram o Movimento Moderno na década de 1920. Inclusive Banham admite que o conceito de *street deck* não era propriedade privada do casal Smithson, porque para a mesma competição outros jovens arquitetos se utilizaram deste conceito – que seria por influencia do próprio casal.

¹⁴ FRAMPTON, K. The English Crucible. www.team10online.com.

¹⁵ BANHAM, R. op. cit., Pag. 45.

¹⁶ Ibid., Pag. 42.



Fig. 23 - Housing in Spangen, Rotterdam, Michiel Brinckman, 1920.

No Golden Lane existiriam três níveis de "street deck". Em cada rua-deck viveriam 90 famílias. E sua atividade social estaria concentrada nos cruzamentos das ruas-deck. Estas interseções teriam três vezes a largura dos corredores das ruas-deck, convidando seus moradores a passar parte do tempo ali. A circulação vertical seria possível nos cruzamentos e nos finais das ruas-deck que seriam também três vezes mais largas.¹⁷

O programa de Golden Lane previa o maior número possível de apartamentos, atendendo a diferentes tamanhos, com 2, 3 ou 4 quartos. ¹⁸ Com estes quartos adicionais também se acrescentariam pátios-jardins. Quando se adicionasse um quarto, o pátio-jardim teria 14 por 7 metros e quando se adicionasse 2 quartos o pátio-jardim teria 14 por 14 metros. A maioria das casas tinha esses pátios-jardins. Estes ligados as ruas-deck trariam um espaço extra para

¹⁷ SMITHSON, A., SMITHSON, P. An Urban Project. Architect's Yearbook, 1953.

¹⁸ VIDOTTO, M. Alison + Peter Smithson: Obras y Proyectos. Pag. 34.

cada habitação onde se poderia fazer jardinagem, limpeza de bicicleta, manter pequenos animais, fazer festas infantis. ¹⁹

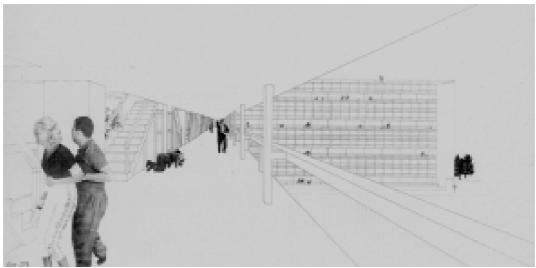


Fig. 24 - Montagem (desenho e fotos) da street deck de Golden Lane.

Estas ruas-deck cobertas seriam um lugar de lazer para as crianças e um lugar de bate papo como no fundo dos quintais. As habitações ganhariam um espaço para o lado de fora. Daí este corredor propiciaria a formação de diversos níveis de associação e envolveria a comunidade. Estas ruas-deck seriam unidas até formar uma rede contínua.

As ruas têm as seguintes Casas padrão²⁰:

Térreo = casas para 1 e 4 pessoas.

Primeiro deck = casas para 2 e 4 pessoas.

Segundo deck = casas para 3 pessoas.

Terceiro deck = casas para 2 e 3 pessoas.

Esta combinação é feita de tal forma que qualquer secção vertical do complexo contenha casas na mesma proporção que o total, mas como o mesmo padrão de unidade aparece por todo o projeto a composição poderia ser variada

20 Idem.

¹⁹ SMITHSON, A., SMITHSON, P. An Urban Project. Architect's Yearbook, 1953.

para se adaptar as necessidades familiares, as necessidades de aumento ou diminuição dentro de cada família.²¹

O uso das casas como pequenas lojas ou como locais de prestação de serviços não iria interferir no planejamento, já que existiria sempre a possibilidade de duas portas da frente. O pátio-jardim pode ser usado como meio de acesso alternativo ou como um depósito.²²

Plasticamente o complexo poderia ser enriquecido mais do que destruído por tais mudanças. As fachadas seriam o resultado de uma disposição lógica das partes, de acordo com uma atitude social consistente. A interação dos pátiosjardins nas fachadas dissolve o efeito monótono das paredes cegas dos blocos convencionais e produzem um padrão sempre mutante de vida. "A casa individual é a medida e a razão do todo. As pessoas são a própria ornamentação." 23

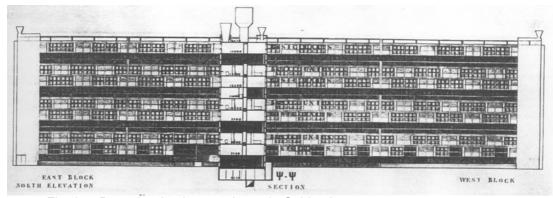


Fig. 25 - Desenho da elevação leste de Golden Lane.

E continuam: "A ordem é biométrica e não geométrica o princípio gerador da ordem é a disposição das escadas que estabelecem o padrão vertical e horizontal."²⁴

²¹ SMITHSON, A., SMITHSON, P. An Urban Project. Architect's Yearbook, 1953.

²² Idem.

²³ Idem.

²⁴ Idem.

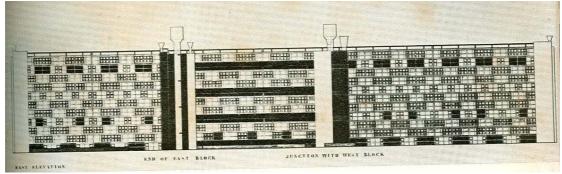


Fig. 26 - Desenho da elevação norte de Golden Lane.

As casas básicas são construídas dentro de uma caixa reforçada de concreto armado. Com 7 polegadas nas paredes e 6 polegadas de piso. As únicas paredes de concreto aparente expostas são as das escadas abertas e dos elevadores. Os restantes das superfícies exteriores são de materiais auto-limpantes, vidro e placas de aço esmaltadas.

Para refletir a continuidade da malha das ruas-deck os blocos entram um pelo outro com uma articulação ininterrupta, cujas junções que são mais largas, enfatizam a continuidade.

Anexo ao edificio principal seria construído um centro para a comunidade, com atividades esportivas, e uma área a céu aberto para as crianças brincarem. O acesso para as duas ruas, Fann Street e Golden Lane, se daria por meio de vários caminhos pelo grande gramado, onde a edificação seria implantada.

O street deck contribui para criar a continuidade das rotas de circulação. As implicações totais deste modo topológico de composição por meio de rotas de circulação resultam mais evidentes no projeto seguinte dos Smithson a Universidade de Sheffield.

3.5

Sheffield University

Um concurso promovido pela Universidade de Sheffield, na Inglaterra, no ano de 1953, para a ampliação de suas instalações, atraiu grande número de arquitetos, inclusive Alison e Peter Smithson. Apesar de não saírem vitoriosos, o projeto proposto se tornou muito relevante para os desdobramentos do *Novo Brutalismo*.

O projeto consiste de vários blocos interligados e uma rua aérea que conecta todo o complexo de edificações da Universidade – dos existentes ao novo conjunto de blocos. Para os Smithsons, a vida da Universidade ficaria prejudicada sem um sistema de circulação apropriado: "os padrões para o movimento de pedestre são a chave para a organização arquitetônica dos edificios." ²⁵ O conceito gerador do projeto de Sheffield foi o de mobilidade – o fluxo contínuo nas novas edificações, no terreno e na rua-no-ar.

Para o casal o maior problema era adicionar uma nova edificação de enormes proporções em meio as construções existentes, num terreno dividido por uma avenida de tráfego intenso, com instalações em ambos os lados, na área norte e na área sul. Uma solução convencional de separar as faculdades em vários blocos ocuparia boa parte do terreno e seccionaria a circulação dos estudantes e dos serviços.²⁶

A alternativa encontrada foi a de criar um conjunto de blocos horizontalizados, ligados por um sistema de circulação contínuo, de modo que os blocos parecessem uma única edificação - que 'serpenteia' os limites periféricos do terreno na área norte. Esta nova edificação, com uma rua-no-ar em seu nível intermediário, se conecta com o antigo bloco da área norte e prossegue em linha

²⁵ SMITHSON, A., SMITHSON, P. Urban Structuring: Studies of Alison and Peter Smithson. Pag. 48.

²⁶ VIDOTTO, M. op. cit., Pag. 42.

reta, cruzando a avenida – conectando os dois lados do terreno até atingir a edificação existente na área sul – de modo que todas as partes da Universidade podem ser alcançadas.

A ligação norte-sul feita pela rua aérea é contínua e sobre ela tem um andar de serviços completos - mantendo a área térrea, livre de circulação possibilitando que o verde entre pelas áreas anexas dos edifícios existentes e novos.²⁷

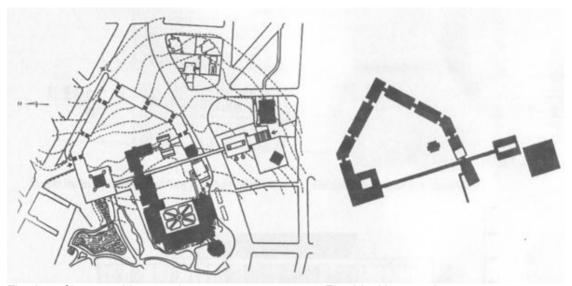


Fig. 27 - Situação: blocos existentes em preto

Fig. 28 - Novos volumes em preto.

Segundo os Smithsons, um túnel ou uma ponte não seriam suficientes para estabelecer a ligação entre os dois setores e para incentivar os dois aspectos básicos da vida universitária - associação humana e comunidade - "já que a ligação tem que ser tanto um símbolo como um gerador do complexo como um todo". ²⁸ A circulação suspensa, nada mais é que um modo de fortalecer os laços da comunidade universitária, um sistema de circulação que é o princípio unificador do projeto.

²⁷ SMITHSON, A., SMITHSON, P. Urban Structuring: Studies of Alison and Peter Smithson. Pag. 48.

²⁸ Idem.

"Por esta razão nós propomos um novo 'dominant' – uma ligação norte-sul suspensa que irá passar através de todo o complexo no nível da entrada principal existente, ligando o terreno norte e sul, mesclando edificios velhos e novos em uma unidade. (...) sem que esta ligação seja feita (...) a vida da Universidade ficaria prejudicada pela segregação do comunitário e das atividades dos estudantes em particular." ²⁹

Aproveitando-se desta característica definiram que as faculdades com maior número de alunos, como de medicina, ficariam mais distantes das áreas de encontro e biblioteca, para que a circulação suspensa, o percurso do pedestresempre esteja com muito movimento:

"Os estudantes de medicina, que ficam a maior parte do tempo na Universidade, se comparados com a maioria dos estudantes, são colocados mais longe das partes comuns de convivência e refeitório tendo que passar pelo nível confluente de um lado para o outro, mantendo assim a circulação suspensa bastante cheia." ³⁰

A concepção da circulação e serviços suspensos num complexo de edifícios contínuos torna possível satisfazer o desejo da Universidade de se expandir horizontalmente e não verticalmente. Além do mais, Sheffield parecia apontar para edifícios com máxima flexibilidade. Esta é mais facilmente alcançada com uma estrutura simples, repetitiva e contínua, como são os blocos novos.

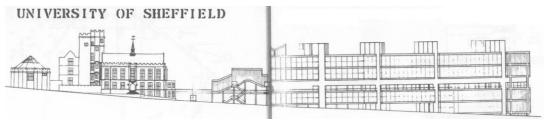


Fig. 29 – Sheffield: declive do terreno.

²⁹ SMITHSON, A., SMITHSON, P. Urban Structuring: Studies of Alison and Peter Smithson. Pag. 48.

³⁰ Ibid., Pag. 49.

Os Smithsons definem o projeto de Sheffield como a estética da mudança. A característica marcante da nova edificação é a consolidação de uma estrutura que pode facilmente ser reorganizada de acordo com as futuras necessidades. Como eles mesmo disseram: "todos os edificios da nova Universidade compõemse de uma construção fixa de concreto armado e uma construção flexível em aço leve." ³¹ Dois andares permitem a reorganização do espaço, no sentido de serem modificadas estruturalmente. "isto significa que as acomodações podem ser grandes ou pequenas, simples ou com pé direito duplo. A identidade da edificação é estabelecida por seus modos de utilização e não apenas pelo seu desenho." ³² E continuam: "assim os laboratórios de hoje podem se tornar salas de estudo amanhã." ³³

³¹ VIDOTTO, M. op. cit., Pag. 42.

³² Idem.

³³ SMITHSON, A., SMITHSON, P. Urban Structuring: Studies of Alison and Peter Smithson. Pag. 48.

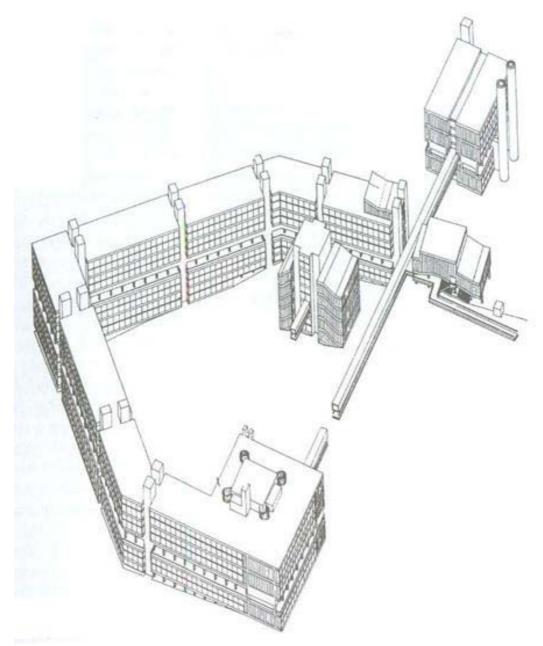


Fig. 30 - Perspectiva dos novos blocos de Sheffield.

A nova edificação mantém a mesma altura dos blocos existentes, mas como o terreno escolhido apresenta desníveis topográficos, o casal tira partido dessa situação acrescentando pavimentos nas áreas em declive. Assim, visualmente existe uma diferença no número de pavimentos nos blocos contínuos – indicando quais são as maiores e menores faculdades. Como o terreno caía para leste, aqueles departamentos que exigiam maiores espaços (Química e Medicina) foram

localizados na parte leste do conjunto e aqueles que precisavam de menores espaços (Artes, Administração, Física) estão na parte oeste do conjunto.³⁴

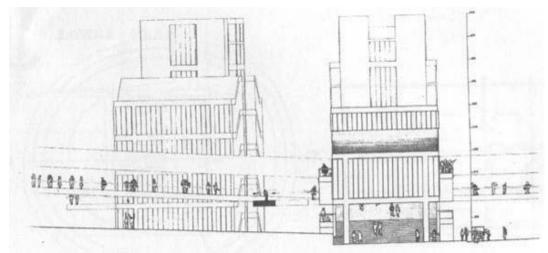


Fig. 31 - Elevação do bloco de Artes e Administração.

Setores com funções altamente especializadas recebem formas bastante identificáveis que pontuam e sinalizam um determinado ponto no complexo principal – o teatro de artes e a biblioteca ficam no norte e as atividades comunitárias no sul.³⁵

A forma da nova organização se acomoda à escala da Universidade e da cidade. A comunicação – universidade e cidade, departamentos e atividades, resulta do desenho da nova edificação e da organização da circulação.³⁶

36 VIDOTTO, M. op. cit., Pag. 42.

³⁴ SMITHSON, A., SMITHSON, P. Urban Structuring: Studies of Alison and Peter Smithson. Pag. 49.

³⁵ Idem.

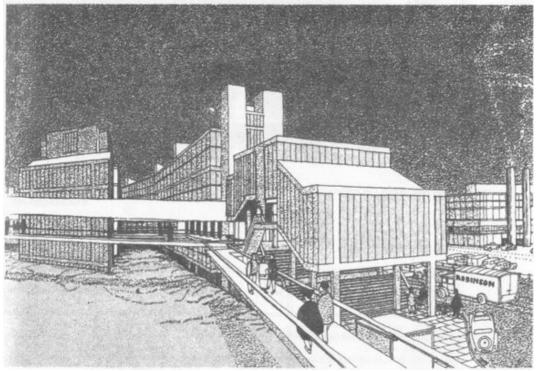


Fig. 32 - Perspectiva do novo bloco e das ruas aéreas.

Banham considera o projeto da ampliação da Universidade de Sheffield um deliberado confrontamento com tudo o que pode ser chamado de arquitetura.³⁷ Para ele a primeira vista o agrupamento de edificios parece solto e pouco rigoroso – como uma composição pitoresca. Mas o efeito da disposição oferecida resulta de um projeto muito distante do pitoresco, "deliberadamente carente de graça, substituindo a doçura e o sentimentalismo por uma rude e livre correlação de estrutura e função em cada parte" ³⁸. Para Banham, sobretudo: "Graças a estes amplos desdobramentos do sistema de circulação, o princípio unificador do projeto – em ausência de toda a estética visual perceptível como tal - é determinado por esta conexão geral da circulação." ³⁹

³⁷ BANHAM, R. The New Brutalism: Ethic or Aesthetic? Pag. 43.

³⁸ Idem.

³⁹ Idem.

Esse distanciamento da estética é definido por Banhan como uma atitude anti-formalista.

"Quanto aos Smithsons, o anti-formalismo de Sheffield representa um ponto extremo. Nada posterior projetado por eles alcançou a mesma *indiferença* em sua qualidade, e é como se tivessem feito uma viagem particular de exploração pelo domínio do anti-arquitetônico, sem retornar a ele." ⁴⁰

Para Charles Jencks o projeto de Sheffield estabelece três qualidades de perecibilidade. Mostra que um complexo mutável deste tamanho tem que ser organizado por uma via circulatória, dado que esta é a forma mais dominante e que provavelmente tende a continuar sendo; que a forma deve ser infinitamente aberta e aformal, de modo a permitir a mudança que não perturbasse o todo; e por fim, que a estrutura e os painéis têm que ser suficientemente *gerais e repetitivos*, de modo a poderem ser trocados conforme as transformações internas. ⁴¹

A questão da perecibilidade⁴² faz parte dos estudos desenvolvidos pelos Smithsons no *Independent Group*. Nesta época o casal, juntamente com os outros componentes do IG, principalmente Banham, estudavam a cultura popular americana– uma *estética do perecível* – da embalagem perdida.

Ainda que considerado por Banham como o exemplo mais avançado da Arquitetura Brutalista, Sheffield não explorou outras possibilidades arquitetônicas, que caracterizaram o experimentalismo dos Smithsons a partir de 1955, possibilidades que deviam muito a sua relação com o movimento antiarte⁴³.

⁴⁰ BANHAM, R. op. cit., Pag 43.

⁴¹ JENCKS, C. op. cit., Pag. 258.

⁴² JENCKS, C. op. cit., Pag 257.

⁴³ BANHAM, R. op. cit., Pag 62.

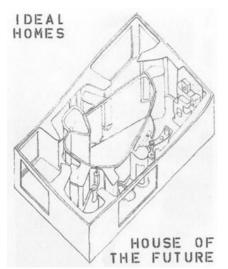
3.6

Casa do Futuro

Alison e Peter Smithson projetaram e construíram um protótipo em tamanho natural da *Casa do Futuro*. Esta "casa de 1980" foi projetada para a "Exibição do Lar Ideal", no ano de 1956. Os arquitetos também desenharam o mobiliário - como a conhecida "Pogo" - uma cadeira de jantar empilhável.

Esta casa em particular foi pensada como uma casa urbana que não se implanta em seu jardim, mas contém o seu próprio jardim no seu interior. Toda a parte interna da habitação se dispõe em torno de uma superfície envidraçada contínua que se volta para um pátio oval no centro da residência.⁴⁴

O projeto ofereceu para os visitantes uma caixa carente de janelas, com uma única porta em um dos lados – de modo a permitir que mais 3 casas similares possam ser acopladas – podendo-se alcançar uma grande densidade populacional com casas de apenas 1 só pavimento.



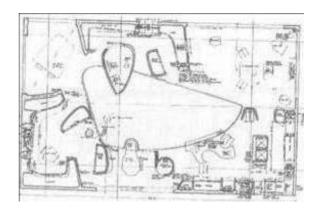


Fig. 33 - Perspectiva da Casa do Futuro. Fig. 34

Fig. 34 - Planta da Casa do Futuro.

⁴⁴ VIDOTTO, M. op. cit., Pag. 60

Sob o ponto de vista construtivo, o projeto procura assumir a tecnologia de ponta. A estrutura da casa é modelada em plástico impregnado de gesso fibroso. Trata-se de uma estrutura composta por partes independentes, com juntas flexíveis que absorvem o movimento e proporcionam uma descontinuidade estrutural. As três paredes comuns têm um revestimento exterior com chapa de alumínio á prova de som e fogo. 46

Dentro da casa paredes, piso e teto parcialmente translúcidos são da cor de mel com juntas marrons entre cada unidade completa. O plano transparente que dá para o jardim central é moldado em plástico reforçado com metal e apresenta uma abertura corrediça entre o jardim e a sala de estar. Todos os equipamentos são embutidos e modulados na superfície das paredes e vedados por portas sanfonadas flexíveis. A iluminação, que é parte integral da superfície das paredes "pode ser aumentada ou diminuída para atender as necessidades, o humor ou o momento".

A casa em si, que tem aquecimento e ar condicionado central, consistindo em um número de compartimentos fechados agrupados em torno de um jardim central. Estes são ligados por um sistema de passagens tipo labirinto, uma forma distinta em cada cômodo que diferem em tamanho, forma e altura - um caminho sinuoso que proporciona a privacidade. A inclinação do telhado sobre os banheiros permite que a luz do sol entre através do jardim interno e entre na sala de estar⁴⁷. A altura da cobertura varia segundo uma curva contínua em relação a luz diurna e o uso e aspecto de cada casa em torno do pátio.

⁴⁵ VIDOTTO, M. op. cit., Pag.60.

⁴⁶ ARCHITECTS' JOURNAL. Forward to back-to-back Housing: a preview of the Smithsons' ideal home.

⁴⁷ Idem.



Fig. 35 - Cômodo de vestir com os nichos.

A porta de entrada é sanfonada, podendo ser eletronicamente operada desde a cozinha. Inclusive o rádio e a TV que estão na sala podem ser ligados através de um controle de ondas curtas. Na sala de estar pode-se acionar um botão que faz emergir do chão uma mesa grande ou pequena, onde estão somente as cadeiras espalhadas. Em direção a cozinha todos os utensílios estão acima do nível da cintura para poupar o tempo e os equipamentos são embutidos dentro das paredes. Um detalhe que não aparece no modelo é uma ilha, contendo 2 fornos (um deles é de super-freqüência), que separa a cozinha do "cômodo utilitário". Este cômodo

contém uma máquina de lavar, um armário aquecido para secar e uma mesa de trabalho (que dá para o jardim) com seu próprio suprimento de água e uma máquina de costura embutida. Um cubículo cilíndrico separa o cômodo utilitário do banheiro, onde tem uma banheira que enche de baixo para cima com autoenxague e termostaticamente controlada.⁴⁸

No cubículo existem bocais que podem borrifar água ou ar quente. Do banheiro, o labirinto vai levar ao quarto de vestir que tem uma pia de pé, armários e uma série de nichos. O quarto de dormir não é mobiliado, a não ser uma cama e um coletor de poeira que funciona por eletro-estática. Na saída se encontra o WC, que tem uma única característica – uma porta – a sua direita e uma magnífica vista da gárgula do jardim que pinga a água da chuva que sai da calha para dentro de um recipiente no nível do chão do jardim.⁴⁹

Os Smithsons se apropriam de processos e técnicas derivados do automobilismo, admitidas como parte inevitável da situação criada pela produção maciça, refundindo-os com uma das mais tradicionais concepções arquitetônicas – a casa com pátio.⁵⁰

Segundo Banham, o protótipo da Casa do Futuro foi um verdadeiro intento de criar uma "Pop-Arquitetura", comparável a Pop-Art – que apareceu pouco depois nos EUA e na Inglaterra considerado um fenômeno do início da década de 1960. Porém o grupo que se reuniu para a exposição "*Paralelismo Vida e Arte*" foi seu verdadeiro precursor. ⁵¹

A forma da estrutura proposta representa um tipo distinto de incursão ao desenho industrial norte-americano: a dupla casca de plástico foi concebida como um molde de carroceria de automóvel. Deste modo, um simples painel não

⁴⁸ ARCHITECTS' JOURNAL. Forward to back-to-back Housing: a preview of the Smithsons' ideal home.

⁴⁹ Idem.

⁵⁰ BANHAM, R. op.cit., Pag. 64.

⁵¹ Idem.

poderia ser trocado de lugar com outro da mesma casa, só com o equivalente de outra habitação.⁵²

A economia prática do desenho implica em um volume de produção que poderia rivalizar com um grande fabricante de automóveis de Detroit. A Casa do Futuro foi estilizada na medida do possível. Toda a estética de painéis e juntas foi prevista, e inclusive no exterior se buscou acentuar seu parentesco com o estilo cromado das carrocerias dos carros. Também se previu a troca anual do modelo.⁵³

A Casa do Futuro se enquadra no princípio do perecível. A casa padrão consiste em uma cápsula leve, flexível, plástica, dividida por juntas escuras, muito como um carro montado e dividido.⁵⁴



Fig. 36 - Cadilac "ícone pop".

⁵² BANHAM, R. The New Brutalism: Ethic or Aesthetic? Pag. 64.

⁵³ Idem.

⁵⁴ JENCKS, C. op. cit., Pag 259.

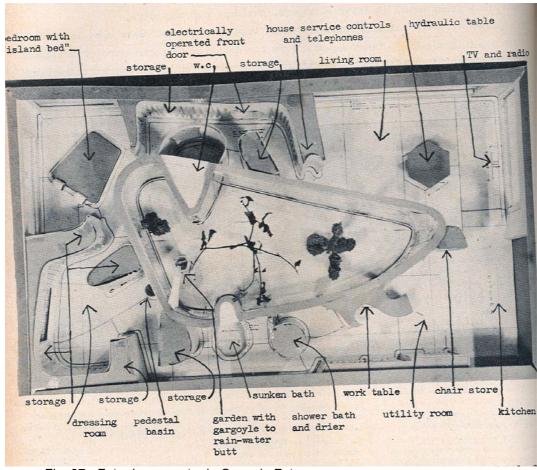


Fig. 37 - Foto da maquete da Casa do Futuro.